



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRA E ARTES - CCHLA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Juliano Jamisson de Almeida Lima**

**Juventude, Sexo e Aids:  
Comportamentos Sexuais dos Homens Jovens da  
Comunidade Casa Branca/Ba yeux**

**JOÃO PESSOA  
2008**

**Juliano Jamisson de Almeida Lima**

**Juventude, Sexo e Aids:  
Comportamentos Sexuais dos Homens Jovens da  
Comunidade Casa Branca/Ba yeux**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Graduação em Ciências Sociais, da  
Universidade Federal da Paraíba, em  
cumprimento às exigências para obtenção  
do grau de Bacharel.**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ms. Mônica Franch**

**JOÃO PESSOA  
2008**

Juliano Jamisson de Almeida Lima

Aprovado em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

**Juventude, Sexo e Aids:  
Comportamentos Sexuais dos Homens Jovens da  
Comunidade Casa Branca/Ba yeux**

Banca Examinadora:

---

Prfª Ms. Mônica Franch  
(Orientadora)

---

Prof. Dr. Arthur Fragoso de Albuquerque Perrusi  
(examinador)

---

Profª Dra. Maria de Fátima dos Santos Araújo  
(examinadora)

## AGRADECIMENTOS

Em especial à minha Avó, Dona Maria das Graças a primeira das grandes mulheres da minha vida, a grande genitora, exemplo de vida, doçura e simpatia.

À seu José Dias pela grande presença na minha infância.

À duas mulheres que sempre conspiraram para minha felicidade e dos meus irmãos e irmãs Dona Josefina e Maria de Lurdes, minhas duas mães pela dedicação e amor em todo momento da minha vida, sobretudo nos mais difíceis.

À minha companheira Anadilza por dividir a vida comigo.

À minha filha Juliana por todo amor que sinto.

Ao meu pai que de sua forma sempre torceu por este momento.

À Dona Nevinha, grande matriarca símbolo de força e cuidado e a todos da família Paiva Ferreira.

Aos meus irmãos Jacksson, Jefersson e Eduardo sempre unidos, sorrindo e brincando.

Às minhas irmãs Silvia, Nívia e Lívia com muito carinho e ternura.

Às minhas primas e primos Aline, Edson, Cláudia, Eva, Vinícius, Júnior e Rangel sempre presentes.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas Felipe, Arthur, Júnior, Agnes e Rafael.

Ao meu tio Almedinha, sempre uma referência.

Às minhas tias Da Hora e Alexandrina sempre dedicadas.

À Waltran por sua torcida constante.

As minha cunhadas Ivone, Car mem e Silvia pelo carinho

À meu amigo Cláudio, sempre fiel e dedicado.

À Maria Mota e Jeane Marcelino, grandes amigas e incentivadoras.

À Lizaldo pela humanidade e simplicidade.

À todos e todas da Rede de Educadores populares do Nordeste, meu berço meu chão.

À toda comunidade Casa Branca por toda receptividade.

Aos colegas de trabalho da Amazona pelo trabalho de cada dia.

À Cristiane, por ser magavilhosa+

Aos colegas de curso Tarcísio, Cristina, David, André, Diego, Gonzaga, a todos, porque caminhamos juntos.

À Rosa Lira foi fundamental no desenvolvimento desse trabalho.

À Mônica pela sensibilidade, paciência e compreensão com os meus atrasos na entrega dos materiais.

Enfim a todos que de uma forma ou de outra contribuíram na construção desse trabalho.

Se faltou alguém está no coração.

*%Durante a minha vida, apesar de ter 17 anos, é a fase que agent e vai conhecendo muitas coisas assim, é que a vontade é cada vez maior, mas eu fui um homem de poucas meninas e só cheguei a ficar com duas meninas, mas nem por isso eu me arrependo tá entendendo? Porque apesar de eu ter ficado só com as duas, eu tenho consciência de tudo que eu estou fazendo+(Rosário, Jovem de Casa Branca).*

## RESUMO

Nesta pesquisa estudei os comportamentos sexuais de jovens do sexo masculino, buscando compreender como estes percebem o advento da epidemia da Aids, considerando que na atualidade, os jovens se apresentam em quanto um dos grupos vulneráveis. No desenvolvimento do estudo envolvemos jovens da comunidade Casa Branca, situada em Bayeux, terceiro município da Paraíba em número de casos de Aids.

O desenvolvimento do trabalho se deu, a partir de uma análise comparativa envolvendo dois grupos de homens jovens, um grupo com acesso à informação sobre prevenção a Aids, informações acumuladas, a partir de processos formativos desenvolvido pela ONG Amazona- Associação de Prevenção a Aids e outro grupo que não tem acesso a estas informações, buscando compreender as percepções que esses grupos detinham sobre a prevenção à Aids, conhecendo melhor a constelação de significados, mudanças e alcances que pairam entre estes.

O referencial teórico desse trabalho está balizado nas discussões, a partir das literaturas: juventude, sexualidade, gênero e Aids. A *juvenização* da Aids+ é uma das tendências que mais cresce hoje no mundo, esse estudo penetrou no universo juvenil e masculino, promovendo encontros, diálogos e percepções na perspectiva de compreender como esses jovens exercem suas práticas sexuais e se estão se prevenindo da Aids.

# SUMÁRIO

<b>1 ENTRE RASTROS E TRILHAS, UM CAMINHO PERCORRIDO</b>	<b>9</b>
<b>2 A CONSTRUÇÃO DO SER JOVEM</b>	<b>12</b>
<b>2.1 SER HOMEM, O PODER ALÉM DA FORÇA</b>	<b>16</b>
<b>2.2 SEXUALIDADE - UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL</b>	<b>19</b>
<b>3 AFIANDO AS FERRAMENTAS, DELINEANDO O CAMINHO</b>	<b>23</b>
<b>3.1 CASA BRANCA: UMA REALIDADE A SER CONHECIDA</b>	<b>29</b>
<b>3.2 OS JOVENS E AS ENTREVISTAS</b>	<b>35</b>
<b>4 JOVENS DE CASA BRANCA COMPORTAMENTO E PERFIL</b>	<b>38</b>
<b>4.1 ENTRE O FICAR E O NAMORAR</b>	<b>39</b>
<b>4.2 ENTRE O TER E NÃO TER INFORMAÇÃO</b>	<b>43</b>
<b>5 SEGUINDO O PERCURSO DE UMA HISTÓRIA</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>53</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>56</b>



## 1 ENTRE RASTROS E TRILHAS, UM CAMINHO PERCORRIDO

Esta monografia apresenta os resultados de uma pesquisa sobre Aids e comportamento sexual de homens jovens moradores da Comunidade de Casa Branca, no município de Bayeux. Este trabalho foi desenvolvido na perspectiva de contribuir para a compreensão de aspectos da vivência da sexualidade de homens jovens das camadas populares, oportunizando reflexões que eventualmente possam orientar o desenvolvimento de ações dirigidas a este público na promoção de práticas sexuais seguras. Dessa forma, se insere no campo de estudos sobre práticas sexuais da juventude, buscando uma interface com os trabalhos voltados à educação sexual juvenil.

Na realização dessa pesquisa, foquei o meu estudo no que se convencionou chamar de *juvenização* da Aids, uma das tendências atuais dessa doença, para tanto realizei uma análise comparativa envolvendo dois grupos de homens jovens, um grupo com acesso à informação sobre prevenção a Aids, informações acumuladas, a partir de processos formativos desenvolvido pela ONG Amazona- Associação de Prevenção a Aids e outro grupo que não tem acesso a estas informações; ambos inseridos num contexto de exclusão social, oriundos da comunidade Casa Branca, situada no município de Bayeux, região metropolitana de João Pessoa. Nessa construção, busquei decifrar as percepções que esses grupos detinham sobre a prevenção à Aids, conhecendo melhor a constelação de significados, mudanças e al cances que pairam entre estes.

A opção para o desenvolvimento de um estudo voltado para o público juvenil e masculino, não se dá por acaso, embora haja uma tendência da feminização da Aids, não podemos aplicar esse mesmo olhar para o público juvenil, pois considerando os dados do Ministério da saúde, no Brasil, no ano de 2000, foram registrados o número de 24.066 casos, entre 15 a 24 anos, sendo 16.415 par a o sexo masculino e 7.651 para o sexo feminino. O número de casos entre os jovens do sexo masculino chegam a ser mais que o dobro do feminino. Essa discussão impreterivelmente nos levou a refletir sobre aspectos inerentes a temas como a sexualidade, juventude e gênero sem que, todavia, os mesmos fossem a razão de

ser da nossa análise. Esses dados foram relevantes para a definição do perfil do público estudado em nossa pesquisa.

Para dar conta dessa dimensão investigativa, percorri e lancei mãos de alguns instrumentos de pesquisa qualitativa: observação participante, grupo focal e entrevistas, subsídios norteadores, fundamentais na busca do caminho, para responder ao problema em questão, a saber, **identificar e analisar as nuances que diferenciam esses dois grupos no tocante ao exercício de práticas sexuais de prevenção à Aids.**

A opção pelo desenvolvimento desta pesquisa na comunidade Casa Branca, dar-se em função desta, estar localizada no município de Bayeux, que ocupa a terceira posição na concentração de registro da doença: com 126 casos, perdendo apenas para Campina Grande com 412 casos, e João Pessoa com 871 casos. de acordo com informações disponibilizadas pela Gerencia Operacional de DST e Aids da Paraíba, uma outra motivação foi o trabalho que a Amazona realiza com os jovens da comunidade voltado para prevenção das DST/HIV/Aids, onde tenho oportunidade de desenvolver minha ação de educador, e por fim, o fato desta apresentar uma grande quantidade de jovens que já vivenciaram ou estão para vivenciar suas primeiras experiências sexuais, apresentando-se dessa forma, em quanto cenário favorável ao desenvolvimento da pesquisa.

A Aids mobiliza a atenção do mundo inteiro e se transforma em um dos maiores debates em torno da saúde humana no final do século XX e início do século XXI. O seu surgimento no Brasil gerou um sentimento de desconforto muito grande em toda a população. Se no principio, dominavam o medo, a ignorância, o preconceito e a sensação de impotência perante a doença (ou conjunto de doenças), hoje existe uma onipresente informação sobre ela; passou a ser comum, está perto de todos nós, extravasou as áreas reservadas e exóticas com as quais fora identificadas+(PARKER et al, 1994, p. 13).

A epidemia da AIDS é uma problemática que preocupa o governo, a sociedade civil e a população em geral. Segundo relatório do Fundo das Populações das Nações Unidas, os jovens respondem por quase 50% dos novos casos de infecção por HIV no mundo e a cada 14 segundos um jovem entre 15 e 24 anos é infectado pelo vírus da Aids. Segundo o informação da ONU, 87% dos adolescentes moram em países em desenvolvimento, mais de 150 milhões são analfabetos e um em cada quatro vive em extrema pobreza, com menos de US\$ 1 dólar por dia. Essa

realidade global, também é repercutida aqui, Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o Brasil tem uma epidemia concentrada, com taxa de prevalência da infecção pelo HIV de 0,6 na população de 15 a 49 anos, onde se conclui que a grande parte das infecções aconteceu no período da adolescência e juventude, uma vez que a doença pode ficar por longo tempo, assintomática. A diretora do Fundo da ONU para a População Soraya Obaid alerta, o mundo não pode mais tomar meias medidas enquanto a Aids se espalha entre as novas gerações. Esta não é apenas uma questão de saúde pública, mas uma catástrofe global que demanda ação global urgente (Diário Catarinense).

Varias organizações, quer sejam governamentais ou não governamentais em todo o mundo preocupadas com o controle da doença, em quanto não se acha a cura para desse mal, vem durante décadas desenvolvendo trabalhos de relevante importância. Na Paraíba a exemplo de outros estados do Brasil, identificamos algumas ações que vem sendo desenvolvidas por algumas instituições a Amazona . Associação de Prevenção à AIDS, é uma delas, surge a partir do ano de 2001, provocada pela necessidade de atender a uma das grandes tendências atuais da AIDs . a juvenização, vem trabalhando no enfrentamento à esta nova tendência, passando a desenvolver atividades educativas voltadas para adolescentes e jovens em comunidades de baixa renda onde destacamos a Casa Branca.

Embora não seja o objetivo desta pesquisa, realizar uma análise do das ações desenvolvidas pela amazona, manteremos um diálogo direto com estas ações, em função do trabalho investigativo que realizamos com os jovens de Casa Branca, no intuito de responder ao objeto de nossa pesquisa.

O mérito do Programa Nacional de prevenção a Aids de ser considerado referencia mundial, se deve muito a capacidade e compromisso de várias Organizações não governamentais em sua capacidade critica e de provocação dos setores governamentais na garantia de políticas publicas para a saúde, sobretudo para na prevenção a Aids.

## 2 A CONSTRUÇÃO DO SER JOVEM

O prazer ameaça, porque o prazer liberta faz o indivíduo crescer emocionalmente, tornando-o independente, movimento este que é a essência da busca do jovem: o prazer, a liberdade e a independência+(GAUDERER, 1996, p. 93).

A figura do/a jovem sempre foi vista com um olhar de apreensão, pela inquietação que estes provocam não só pela própria natureza, mas também pela sua condição de ambigüidade.

Segundo Feixa, a juventude é um plano de dois rostos: uma ameaça de presentes obscuros e uma promessa de futuros radiantes. Os jovens são anjos que nos deslumbram e monstros que nos assustam (ou, para dizê-lo no feminino, princesas que nos encantam e víboras que nos devoram).

Med, no desenvolvimento de sua pesquisa em Samoa, afirma que o jovem não representa um período de crise ou tensão, mas ao contrário, o desenvolvimento harmônico de um conjunto de interesses e atividades que amadurecem lentamente.

Nesta perspectiva, a juventude é compreendida enquanto espaço de tempo de ligação entre a infância e a idade adulta, momento de construção e maturação do sujeito. Para alguns, esse período pode ter um tempo diferenciado dependendo diretamente da cultura a qual esse/essa jovem está submetido. É justamente esse período de preparação para transformar-se no adulto que o fragiliza, essa condição de aspirante não lhe dá status, o poder está concentrado na figura do adulto produtivo, símbolo de prioridade.

Na idéia de que poderia haver uma sociedade melhor organizada, na qual desaparecesse o espaço dessa demora (a juventude), não é só utópica, como equivocada em sua avaliação. A demora não deriva fundamentalmente, das dificuldades das sociedades para integrar os jovens [...] mas do fato que essa integração seja um processo social longo e complexo, tanto mais, quanto mais desenvolvida é a cultura e mais complexo o sistema de relações da sociedade (ZÁRRAGA *apud* PÀMPOLS, 2004)

Dentre todas as fases geracionais, a passagem da juventude para a idade adulta ganha uma importância significativa frente às outras, por ser um momento onde os indivíduos assumem um novo status social, ganham poder e responsabilidades, o que exige destes, comportamentos diferenciados que respondam às exigências dessa nova fase da vida.

Esses momentos de liminaridade geralmente são ritualizados por várias culturas com ritos de passagem que demarcam essas mudanças, onde

[...] De um só golpe se faz consciente o adolescente de sua posição na comunidade da qual depende dos outros, da sua subordinação enquanto grupo e de seu particular valor pessoal para eles. A ele é conferido um novo status e sua maturidade se faz manifesta, quando, por exemplo, é admitido, agora, nas reuniões dos adultos e não lhe é proibida, especificamente, a relação sexual (FIRTH, 1963 *apud* PÀMPOLS, 2004)

Para Bozon, durante o percurso de nossas vidas sempre aspiramos pela conquista da maior idade como símbolo de liberdade e conquista do poder sobre si mesmo, como um momento de maturação, entendimento e conseqüentemente, controle e domínio do fazer e do seu próprio corpo. Inclusive da sua sexualidade. Essa idéia pairou por muito tempo como ideário de conquista de poder e liberdade. Ao adulto tudo é permitido - idade ideal de saber e ser, identificando inclusive os ciclos da vida sexual. Para Debertt *apud* Heilborn as representações em torno das fases da vida mudam. Elas decorrem de uma combinação entre as transformações nas mentalidades e de processos macroestruturais que organizam as etapas da vida+(DEBERT,1999 *apud* HEILBORN, 2006).

Esse processo de transição não se dá dentro de um ambiente harmônico, as realidades divergem e não são comuns para todos os jovens, identificando ainda, que uma série de variáveis estará interferindo nessa relação o tempo todo, se considerarmos que habitamos numa sociedade capitalista o mercado de trabalho é um dos lugares em que se elaboram regras de legitimação do valor das idades+(LANGEVIN, 1998) .

Mesmo considerando a diversidade social das condições de existência juvenil no Brasil, há um novo cenário cultural que permeia a transição à vida adulta: difusão de novas tecnologias de informação, hábitos de consumo, valores

hedonistas, violência urbana, desagregação dos laços sociais etc (BRANDÃO, HEILBORN, 2006)

Para pensar o/a jovem, se faz necessário pensar o universo onde este/a está inserido, nesse sentido, a família se apresenta como espaço de importância fundamental na formação do jovem, na sua preparação para a idade adulta. Para Brandão; Heilborn (2006, p. 10):

Nas últimas décadas, o percurso entre a infância e a idade adulta foi profundamente alterado nas sociedades ocidentais modernas. As mudanças no estatuto infantil, o redimensionamento da autoridade parental, as novas normas educativas, as transformações nas relações de gênero e entre gerações compõem novo cenário social e familiar [...]. A extensão da escolarização e dificuldades de inserção e permanência no mercado de trabalho acentua a dependência dos jovens em relação aos pais. Certos autores designam esse adiamento das condições de emancipação juvenil como %prolongamento da juventude+ tornando a estada no domicílio parental mais longa que outrora. No entanto, o alongamento da dependência familiar não se torna impeditivo ao exercício da autonomia nessa fase da vida, na qual a sexualidade tem grande relevância (HEILBORN; BRANDÃO, 2006).

Pode-se perceber que em meio a todos esses conceitos elaborados pelos diversos autores que, a Juventude é relativamente recente, e é definida geralmente, como um estado intermédárioio entre a infância, idade da irresponsabilidade, e a vida de adulto, idade da responsabilidade.

No que se refere aos parâmetros sociológicos, à categoria Juventude, sistematizado por Dayrell, parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; el a assume uma importância em si mesma. (2003, p. 42)

A ênfase do conceito de juventude apresenta o grupo social como um segmento populacional, com características próprias, onde se deve levar em consideração a pluralidade de experiências desta etapa da vida. É na procura por ultrapassar a idéia das juventudes como uma transição, ou um problema, dotado de negatividade, como demonstram abordagens %individualizadas+, centradas nos problemas pelos quais os/as jovens enfrentam como: gravidez, dst/aids, drogadição etc, que buscamos caracterizá-la em sua constituição plural, com foco em gênero, raça/ etnia, orientação sexual, religiosidade, classe social e devem estar presentes

em sua constituição. Por tudo isso, reconhecemos a dimensão de complexidade deste conceito, que é própria do humano. Contudo, a definição etária deste segmento da população é importante, mas não é considerada fundamental, pois a vivência de determinada etapa da vida acaba superando o tempo cronológico que está sendo vivido, de acordo com a história de cada sujeito, bem como das características do grupo social em que está inserido.

Atualmente, estamos em meio a grandes transformações no sistema social, e aqui em especial o nível da organização da rede escolar, com o prolongamento da escolaridade; bem como no nível da dependência do jovem perante o núcleo familiar devido à dificuldade da inserção do/a jovem no mercado de trabalho. A saída do/a jovem do seu ambiente familiar dá-se num ambiente complexo de construção e desenvolvimento da autonomia e independência, que embora pareça ter o mesmo sentido, são fundamentais nas suas especificidades na conquistada do seu espaço dentro da família, fundamental para passagem a fase adulta.

É neste contexto que aponta uma indeterminação social do que é a juventude, e conseqüentemente da(s) sua(s) realidade(s). Trata-se de uma zona de incerteza sociológica.

Para Heiborn, Uma premissa fundamental é a distinção entre duas dimensões constitutivas do processo de individualização, comumente tomadas como equivalentes: a autonomia, compreendida como autodeterminação pessoal e a independência, concebida como auto-suficiência econômica. Para as gerações jovens atuais, a conquista da independência se coloca cada vez mais tardia, o que não impede que a autonomia seja uma aspiração cada vez mais precoce.

Para Bozon (2004), a juventude é um percurso duplo, que leva o indivíduo, por um lado, da escola para o trabalho e, por outro, da família de origem (em que ele foi criança) para uma família de procriação (em que ele é pai ou mãe). É dentro da família que o/a jovem é preparado/a para assumir o papel de homem ou mulher adulta apto/a a cumprir papéis pré-definidos pela sociedade a que este ou esta está inserido/a, inclusive de formar novas famílias assumindo papel de pais e mães.

Nesse contexto:

A juventude obedece, sobretudo às suas necessidades fisiológicas, entre as quais, o prazer sexual desempenha um papel específico. É certo que também domina a luta por uma posição social. Contudo, a juventude é orgulhosa, porque ainda não foi humilhada pela vida e está cheia de esperança, porque ainda não se decepcionou prefere a companhia de seus iguais antes de qualquer outra atenção. Para a juventude o futuro é longo e o passado breve. Nada julga segundo sua utilidade, todos os seus erros se devem a exageros... enquanto a juventude é corajosa e audaz, os velhos são covardes e sempre temem pelo pior tudo consideram segundo sua utilidade+ (ARISTÓTELES apud ALLERBECK & ROSEMARY apud PÂMPOLS, 2004: ).

É mergulhado nestas discussões, que entendemos a juventude ser uma categoria socialmente construída no contexto de determinadas situações econômicas, sociais ou políticas, é uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo, de acordo com as condições socioculturais.

## **2.1 SER HOMEM, O PODER ALÉM DA FORÇA**

Na relação entre homens e mulheres, certamente é a partir da definição dos papéis sexuais que podemos identificar de forma mais acentuada as diferenças de poder entre os gêneros. As práticas sociais, definidas dentro desse jogo de poderes são condicionantes para o desenvolvimento de uma educação sexual e comportamental entre os gêneros. Para Heilborn, a sexualidade é um conjunto de regras sócio-culturais que modelam a experiência íntima dos sujeitos no ocidente moderno. Sua articulação com o conceito de gênero é essencial, visto ser um sistema de classificação social que organiza contrastivamente os atributos masculinos e femininos em diferentes sociedades. Assim, as experiências particulares de homens e mulheres no tocante à sexualidade e à reprodução só podem ser consideradas à luz das diferenças de gênero que conformam as representações e práticas masculinas e femininas em cada cultura.

É na vivência da sexualidade, no simbolismo das relações que percebemos os vários elementos que reforçam, estas diferenças e desigualdades.



Bozon, retrata em uma de suas análises sobre este campo que o verbo *comer* é utilizado para indicar a ação e o papel social daquele que penetra no ato sexual, enquanto, para quem é penetrado, o verbo de *dar*. O binômio *comer/dar* está fundamentado na metáfora da absorção, apropriação e consumo do parceiro passivo (a mulher ou um sujeito simbolicamente afeminado) pelo sujeito ativo (o homem). O corpo das mulheres é percebido e tratado como um objeto e um receptáculo, de que os homens tomam posse através do ato sexual.

É nesse chão que tratamos da epidemia da Aids, da condição de vidas de homens e mulheres vulnerabilizados pela sua própria cultura, historicamente desigual e preconceituosa. No Brasil as várias orientações do senso comum, construída em torno da figura do masculino, dominador e sexualmente ativo, reforçada por diversos tipos de mídia, acabam normatizando uma identidade cultural fortemente marcada pela *sexualização* das relações, onde

A ideologia do erótico tem a ver com o carnaval, com a exibição do corpo, com o sexo e a sedução descomplicadas nas últimas décadas, mostrada sem problemas pelos horários nobres na TV que cobre em rede o país inteiro. Tem a ver com a perversão admitida que os ditos da cultura popular confirmem: não existe pecado do lado de baixo do Equador ou que entre quatro paredes vale tudo. A vida privada é sagrada (PARKER, 1991, *apud* PAIVA, 1992, p. 234).

A Aids apresenta-se como um dos principais problemas da humanidade, com números sempre em escala crescente. De acordo com a UNAIDS, estima-se que existam atualmente 33,2 milhões de pessoas com HIV em todo mundo e que ocorreram 2,5 milhões de novas infecções em 2007. O número de pessoas que morreram em decorrência da Aids neste ano foi de 2,1 milhões. A Aids no Brasil, a exemplo do resto do mundo apresenta números e cenário preocupantes as regiões Sul e Sudeste concentram mais de 80% dos casos do país, enquanto a região Nordeste é a terceira região com maior proporção de casos, apresentando 10,4% do total de casos do país. De acordo com o Boletim epidemiológico, de 1980 a junho de 2007, foram notificados 474.273 casos de Aids no País. 289.074 no Sudeste, 89.250 no sul, 53.089 no Nordeste, 26.757 no Centro-Oeste e 16.103 no Norte. Nas regiões sul, Sudeste e Centro Oeste, a tendência de Aids tende a estabilizar.

No norte e Nordeste, a tendência é de crescimento, esses dados tornam-se mais preocupantes, principalmente se considerarmos as grandes fragilidades

apresentadas nessas regiões, problemas de natureza estrutural como, carência na educação, saúde, desemprego e situação de extrema pobreza, além de apresentar uma cultura bem mais arraigada e conservadora, com fortes influências da igreja católica que se coloca abertamente contra o uso do preservativo. Segundo boletim epidemiológico disponibilizado pela Gerencia Operacional de DST/Aids do estado da Paraíba, a Paraíba ocupa o quinto lugar em número de casos na região Nordeste, a partir de 1990, os números de casos no estado entre os homens heterossexuais têm uma visível tendência de aumento. Atualmente detém mais de 60% dos casos. Os dados acumulados desde junho de 1985, somam 2.632 (dois mil seiscentos e trinta e dois) casos de Aids no estado, sendo 1.863 (mil oitocentos e sessenta e três) em homens e 769 (setecentos e sessenta e nove) casos em mulheres.

A análise de doenças, por gênero, evidencia que os casos em homens são predominantes nos registros da epidemia no estado, apresentando um número de casos crescentes em toda a série histórica. Entretanto, tem se observado um aumento do número de casos em mulheres, evidenciado pela redução da razão por sexo (homens/mulheres), passando de 10/1 (dez casos masculino para 1 caso feminino) no ano de 1988; para 2/1 (dois casos masculinos para um feminino) a partir de 1999 e se mantendo até 2006, traduzindo um acentuada feminização da epidemia, a exemplo do que vem sendo observado em todo país.

O uso do preservativo se apresenta quanto resposta mais eficaz no combate a doença, de contra partida, ainda enfrenta algumas resistências principalmente pelas mulheres na negociação do seu uso com os parceiros, para uma mulher falar em sexo ou oferecer a camisinha é se mostrar mais sabida que ele, ou se confundir com a mulher da rua que não pode ter o projeto conjugal que percorre o discurso feminino sobre o namoro, o moivado e a atividade sexual+ (BRASIL, 1989 *apud* PAIVA 1992, p. 236). Podemos observar essa mesma rejeição por parte dos homens só que atendendo a uma ética inversa %o uso da camisinha confronta a noção básica de virilidade que diz que ser homem é naturalmente ter menos controle de seus impulsos sexuais e agressivos, tê-los mais intenções que a mulher. Colocar a camisinha, racionalizar ou regradar seus impulsos sexuais, ter que levar em conta a parceira, é trair a sua virilidade+ (PAIVA, 1992, p.235). Essa resistência cultural as mudanças comportamentais dos padrões sexuais de homens e mulheres são ferramentas necessárias para o controle da epidemia.

Embora o Brasil tenha o título do melhor programa de prevenção a Aids do mundo, passado todo esse tempo de convívio com a doença e todas as ações desenvolvidas na busca da resposta para a cura da doença, ainda tenhamos que conviver com essa triste realidade de expansão da doença. É extraordinário, portanto, que tendo convivido 27 anos com uma epidemia em rápida expansão, transmitida acima de tudo pelo contato sexual, ainda não tenhamos conseguido desenvolver as ferramentas teóricas e metodológicas que poderiam propiciar uma compreensão mais profunda da sexualidade em relação a Aids e também a outros aspectos da saúde (PARKER, 2000, p. 26).

A mudança desse cenário só será possível com vontade política com a garantia de políticas públicas que incrementem o desenvolvimento de ações educativas, distribuição de preservativos, material educativo e sobre tudo oriente para o desenvolvimento de novas práticas sexuais mais seguras e conscientes.

## **2.2 SEXUALIDADE - UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL**

Desde o surgimento da Aids no início da década de oitenta os debates e reflexões em torno da sexualidade estiveram tão em evidência quanto na atualidade. Nunca um problema global chamou a atenção tão claramente para as importantes diferenças que formam as experiências de culturas e sociedades diversas. E em nenhuma área isso é mais verdadeiro do que em relação ao nosso entendimento sobre sexualidade humana (PARKER, 2000, p. 40).

O discurso construído por maioria das sociedades ocidentais em torno da sexualidade sempre pairou em torno de um ambiente sombrio e de pouca comodidade, permeado pelo silêncio. Esta realidade é retratada pelo que diz Foucault:

[...] a sexualidade a partir do séc.XVIII e XIX, foi marginalizada e sacralizada, deveria ser vivenciada e aceita na sociedade dentro de uma moral social vigiada por instituições como a igreja e o Estado, que zelavam pela moral e bons costumes dos cidadãos. O sexo normalmente aceito era o heterossexual, monogâmico e vaginal, aquele que estivesse fora desses três modelos sofreria a rejeição da sociedade (FOUCAULT, 1977).

Para Bozon:

[...] o pudor se apoderou da sexualidade e de todas as suas manifestações, sobre as quais não se podia mais falar com espontaneidade, entre próximos, nas conversas cotidianas e, em particular entre pais e filhos. [...] A educação sexual das crianças passou a ser um problema. A religião por sua vez, teve uma participação preponderante na condução de uma cultura sexual voltada para a castidade, justificada apenas, a partir de fins reprodutivos, qualquer possibilidade diferente dos objetivos da procriação, estaria fora dos planos de Deus, a idéia do pecado sempre esteve muito próximo. Essa imposição da igreja modelou comportamentos e impôs aos homens e mulheres uma sexualidade reprimida, os textos de Agostinho (séc. V) teorizam a recusa à concupiscência (desejo) e ao prazer, de tal forma que levam a uma restrição em direito da atividade sexual apenas à obra de procriação desejada por Deus e pela natureza (BOZON, 2004).

A naturalização desse modelo de sexualidade atuou por muito tempo como obstáculo na percepção da sua importância para afirmação da identidade sexual dos indivíduos em toda a sua integralidade. O surgimento dos métodos contraceptivos contribuiu para o surgimento de uma nova ordem, introduziu uma nova ótica no diálogo com o sexo. Identificar o sexo não só a partir da perspectiva da reprodução, mas também como fonte de prazer, saudável ao corpo e a mente, tão necessário ao desenvolvimento natural de homens e mulheres.

Segundo Heilborn, a dissociação entre sexualidade e reprodução biológica da espécie, a partir do desenvolvimento dos métodos contraceptivos hormonais nos anos 60, e o advento da epidemia de HIV/Aids, na década de 80, deram novos impulsos às investigações sobre os sistemas de práticas e representações sociais ligados à sexualidade, constituindo-a como um campo de investigação em si, dotado de certa legitimidade. Tal particularidade só pode ser entendida no contexto da sociedade ocidental do final do século XX que elegeu as questões afetas à intimidade, à vida privada e à sexualidade como centro de reflexão sobre a construção da pessoa moderna (HEILBORN, 1999).

A sexualidade transita num ambiente bastante complexo de difícil entendimento, não há um conceito que possa defini-la universalmente, ou seja:

A sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve: gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. É experimentada ou expressa em pensamentos fantasias, desejos, crenças atitudes valores, atividades práticas, papéis e relacionamentos. Além do consenso de os componentes socioculturais são críticos para a conceituação da sexualidade humana, existe uma clara tendência, em abordagens teóricas, de que a sexualidade se refere não somente às capacidades reprodutivas do ser humano, como também ao prazer. Assim, é própria vida envolve além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossa relação afetiva, nossa cultura+(CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 1999).

A abordagem da sexualidade em nosso estudo surge, em função da necessidade de uma melhor compreensão de como se processa a formação da sexualidade juvenil, quais as variáveis que influenciam o universo das vivências sexuais desses jovens, objetivando perceber como esta sexualidade é vivida em tempo de Aids, considerando que a principal forma de exposição ao HIV entre as pessoas com 15 anos ou mais de idade é a transmissão sexual, representando 77,1% dos casos (2.452) (Gerencia Operacional de DST e Aids do estado da Paraíba). Essa discussão se faz importante, principalmente se considerarmos que os jovens se apresentam, em quanto categoria vulnerável, enquadrada no grupo das tendências atuais desta doença.

O crescimento vertiginoso da doença agrava-se principalmente quando aliado a outros problemas sociais que colocam determinadas categorias em condição de vulnerabilidade. Segundo Viviane Bevilacqua, o analfabetismo e a falta de apoio do Estado, combinados, ajudam a espalhar o HIV entre os jovens (Diário Catarinense).

A revolução provocada nos padrões dos relacionamentos das pessoas, sobre tudo entre os jovens, orientados principalmente pela liberdade sexual que vivenciamos, orientou de uma certa forma, para o surgimento de novas formatações de relações mais abertas e de possibilidades de maiores intimidades. Para Money, a habilidade de separar o prazer do anzol da reprodução fez eclodir uma revolução mais estrondosa para a raça humana do que qualquer outra em sua história (1981).

O "ficar" é uma boa ilustração dessa reconfiguração das relações juvenis, apresenta-se como uma nova ordem, principalmente pela falta de compromisso, a ética do desejo, a busca do prazer, o distanciamento entre norma/compromisso e prazer, a comutatividade do objeto, a negação da alteridade e a ausência da

obrigatoriedade de transcendência+ (CHAVES,1995; MESSEDER, 1999 *apud* CASTRO; ABRAMOVAY;SILVA, 2004, p. 87) .

O problema da Aids não pode ser observado apenas da perspectiva da saúde, há de se considerar o contexto social a qual as pessoas estão inseridas onde

A baixa eficácia de muitas ações preventivas, especialmente no caso da transmissão sexual do HIV, se deve praticamente a erros já globalmente identificados. As decisões sobre políticas públicas de prevenção não tem levado em conta a cultura sexual, especialmente o contexto social e cultural em que as decisões sobre sexo são tomadas e não tem ido muito além, da informação genérica sobre o vírus e suas formas de transmissão (ELIAS, 1991 *apud* PAIVA, 1992, p. 231).

Nesse sentido, não nos interessa apenas a garantia da política pública, mas também a sua eficácia diante dos problemas, que garanta se não a solução dos problemas, pelo menos amenize o sofrimento da população, enquanto não se encontra a cura para a Aids. A cada dia novas pesquisas no campo das Ciências Sociais são desenvolvidas na busca de compreender melhor determinados comportamentos e como as transformações sócias a que estamos submetidos interferem no desenvolvimento da doença, sendo assim, a sexualidade se apresenta quanto um tema a muito a ser explorado e muito a ser compreendido.

### 3 AFIANDO AS FERRAMENTAS, DELINEANDO O CAMINHO

Com o intuito de contribuir com as reflexões em torno da juvenização da Aids, uma das tendências contemporâneas da doença, a partir da necessidade de adoção de práticas sexuais preventivas entre os jovens, me propus a realizar uma análise comparativa envolvendo dois grupos de jovens, um grupo de homens jovens que participam de um projeto de prevenção ao HIV/Aids desenvolvido pela ONG Amazona e outro grupo que não participa. Ambos os grupos estão inseridos num contexto de exclusão social, pois todos os jovens moram na comunidade Casa Branca, situada no município de Bayeux.

Essa discussão impreterivelmente me levou a refletir sobre aspectos inerentes a temas como a sexualidade, juventude e gênero sem que, todavia, os mesmos sejam a razão de ser da nossa análise. Nesse sentido, estarei me debruçando sobre esses temas com o olhar centrado na própria percepção do que esses grupos trazem sobre a prevenção à Aids, conhecer melhor a constelação de significados, mudanças e al cances que pai ram entre estes.

Para dar conta dessa dimensão investigativa, percorri e lancei mãos de técnicas de pesquisa que pudessem fornecer pistas, subsídios que me ajudasse no caminhar para responder ao problema em questão, a saber, **identificar e analisar as nuances que diferenciam esses dois grupos no tocante ao exercício de práticas sexuais de prevenção à Aids, bem como os aspectos que os aproximam**. Na realização desse estudo de caráter antropológico, percorri caminhos que em momentos distintos me aproximou de algumas técnicas: observação participante, grupo focal e, por fim, entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, na busca do instrumento que melhor respondesse a pesquisa. Inicialmente, existia a motivação para utilização da observação participante provocada a partir do questionamento inicial: entre o público de homens jovens, o acesso à informação, que é a base do projeto de intervenção da ONG Amazona, significa garantia de uma vivência de práticas sexuais seguras?

A partir de uma primeira leitura da realidade da comunidade, Identifiquei um cenário bastante heterogêneo no que diz respeito aos jovens e ao acúmulo de informações que estes detém sobre o tema em questão. Este fato apontou para a

mobilização de dois grupos diferenciados, objetivando promover um olhar mais ampliado da realidade.

Os primeiros passos foram dados, orientados por alguns critérios previamente identificados a serem considerados: ser do sexo masculino, ser jovem, morar na comunidade e ter disponibilidade para participar.

O segundo passo foi a identificação do método a ser utilizado onde como já afirmei em momento anterior, optei pela observação participante, grupo focal e por fim entrevistas estruturadas e abertas, ou seja, por um método qualitativo, passível de revelar melhor os sentidos que os jovens dão às suas práticas sexuais. O terceiro passo foi a operacionalização da ação: identificação e sensibilização dos jovens para participarem da pesquisa, considerando os perfis de cada um e conseqüentemente a adequação aos grupos. Ao término desse processo, cada grupo ficou composto por cinco jovens.

Considerando a pesquisa uma ferramenta que possibilita em seu processo de construção algumas ressignificações e/ou recondução de instrumentos que favoreçam a leitura e a absorção de elementos da realidade do objeto em estudo, exige-se do pesquisador habilidade e clareza no percurso que se quer trilhar, nesse sentido, esse fazer torna-se um aprendizado para quem o assume.

Como já foi dito, quando iniciei os estudos, pensei trabalhar com observação participante, conviver com os jovens, para conhecê-los, ou seja, para estudar a cultura de um povo, o etnógrafo tem que levar em consideração os comportamentos, isto é, os gestos cotidianos, o tom das conversas, as atitudes do corpo e expressão facial, pois eles são expressivos. Os comportamentos dizem algo a respeito do significado emprestado a situação vivida+ (MALINOWSKI *apud* ZALUAR,1990, p. 13). A vivência dessa técnica me orientava para o acompanhamento desses jovens em vários espaços do seu cotidiano, aos locais de paquera, baladas, etc, exigindo uma maior proximidade com eles. Entretanto, a partir de algumas reflexões, percebi que a opção por essa técnica, ficaria comprometida considerando algumas dificuldades que fatalmente encontraria no percurso. Em primeiro lugar, a companhia de um adulto entre os jovens, em seu meio, poderia gerar um certo desconforto, constrangimento, ou até mesmo a não aceitação dos jovens. Acrescente-se a esse desconforto geracional o fato de eu ser conhecido, na comunidade de Casa Branca, como educador social da ONG Amazona, o que



levaria os jovens a se comportarem de forma a não fugir da %cartilha+ em matéria de sexualidade em minha presença.

Essa dificuldade poderia ter sido subsanada com um investimento de tempo, de forma a me tornar um elemento %familiar+, ou mesmo apenas tolerado, entre os jovens. Mas, nesse sentido, houve ainda a dificuldade pessoal por não dispor do tempo necessário que esse fazer exigia. Além disso, minha continuidade em intervenções educativas na comunidade tornava difícil me desvencilhar do rótulo de educador e assumir o de pesquisador de forma mais ativa.

Outro fator que me levou a abandonar a idéia de fazer observação direta dos comportamentos foi o aumento da violência na comunidade. Numa ocasião, inclusive, cheguei a ser abordado de forma indireta por um rapaz que eu não conhecia, quando andava pelas ruas da comunidade na companhia de um dos jovens envolvidos na pesquisa, ele cruzou o nosso caminho e se referindo ao jovem em tom ameaçador disse %cuidado com o que você anda dizendo por ai+. Entendi posteriormente que aquele recado dado ao jovem estava sendo direcionado as informações disponibilizadas na pesquisa, saímos depressa do local sem dizer nada. A partir desse momento fui orientado a evitar andar sozinho e não entrar mais na comunidade de car ro, fato que me deixou muito pouco à vontade.

Mas o elemento definidor pela não utilização do método, foi quando identifiquei que, ainda que mantivesse o acompanhamento sistemático a esses jovens, o uso do preservativo, bem como a negociação do seu uso, são atitudes que só podem ser vivenciadas em momentos de intimidade. Logo, me restariam apenas relatos das experiências vivenciadas, e estas poderiam ser negligenciadas e/ou mascaradas em suas falas, na perspectiva de construir em torno de si uma imagem politicamente correta.

Sendo assim, senti a necessidade de repensar o método a ser utilizado e resolvi optar por trabalhar com grupo focal, por este apresentar uma %estratégia privilegiada para o registro de representações de atitudes, crenças e valores de um grupo ou de uma comunidade relacionada aos aspectos específicos pesquisados.+ (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004, p. 55). Cabe salientar, ainda, que o fato da Amazona desenvolver ações educativas na comunidade de Casa Branca desde o ano de 2001 me deu certo conhecimento do contexto em que se desenvolve a trama da sexualidade juvenil. Como veremos mais adiante, essa aprendizagem

espontânea, desenvolvida no contato cotidiano com líderes comunitários, jovens e suas famílias, está presente de forma implícita ou explícita ao longo deste trabalho.

No trabalho com grupo focal (ver roteiro em apêndice), envolvi 10 (dez) jovens, distribuídos em dois grupos, o primeiro composto por 05 (cinco) jovens que participam do projeto de prevenção à Aids da Amazona, e o segundo com a mesma quantidade de jovens que não participam do referido projeto. Iniciei a aplicação da técnica, com o primeiro grupo, ou seja, com os jovens do projeto. Provocados pelos questionamentos introduzidos na roda, esses jovens interagiam de uma forma bastante participativa. Embora os debates fossem acalorados, percebi que alguns jovens se posicionavam bem mais que os outros, evidenciando um certo desequilíbrio de informação dentro do grupo, de modo que aqueles que detinham maiores informações faziam maior uso da fala. Já com o segundo grupo, o dos jovens que não estão no projeto, percebi que os mais velhos, por terem uma maior experiência sexual e dialogar com menos dificuldade sobre o tema, acabaram por gerar um ambiente permeado de risos e olhares quando das falas dos mais novos.

Esse fato criou um ambiente de constrangimento entre os menos experientes, dificultando o posicionamento destes e, de certa forma, não favorável à pesquisa. Os mais novos, por sua vez, acabaram por desenvolver uma estratégia de auto-proteção onde passaram a se esconder nas falas dos mais velhos, ou seja, geralmente concordando com o que estes diziam, fazendo falas curtas e gestuais. Nesse sentido, mantinham-se iguais aos outros e conseqüentemente não ficavam em evidência, assumindo uma posição de conforto e não expondo o que de fato pensavam das questões levantadas.

Ou seja, se no primeiro grupo a liderança se estabelecia com base no conhecimento das questões relativas a sexualidade e, mais precisamente, Aids (jovens informados dominavam os jovens menos informados), no segundo grupo o exercício da liderança estava ligado ao grau de experiência sexual, relacionado por sua vez à idade (jovens mais velhos e experientes dominavam os jovens mais novos e inexperientes). Embora identificar essa relação de poder tenha sido importante para o nosso estudo, entre outras observações realizadas, pensei que ficando apenas com os dados advindos do grupo focal poderia perder informações importantes. Esse fato me fez novamente repensar o instrumento de coleta de dados. Resolvi, a partir daí, optar por conversas pessoais, o que me orientou para a

utilização das entrevistas objetivando complementar a coleta dos dados necessários a pesquisa.

Por fim, a investigação in loco com base na aplicação de entrevistas semi-estruturadas (abertas) revelou-se fundamental para complementar a análise, por serem as entrevistas um instrumento que também permite a realização de comparações, devido ao relativo grau de homogeneidade assegurado e propicia análises mais sistemáticas e gerais das informações obtidas+ (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004. p 56).

A constante busca do conjunto de técnicas que melhor respondesse às questões desta pesquisa que envolvem valores, significados e subjetividades dos indivíduos foi muito importante, como também o caminho percorrido e a relevância das informações obtidas até chegar a essa identificação. Assim, dentro da metodologia de caráter qualitativo, que foi a escolha realizada desde a definição primeira de minhas questões, terminei trabalhando prioritariamente com entrevistas com roteiro semi-estruturado, para a obtenção de informações sobre o público estudado, focando nos tópicos: Aids, sexo, juventude e prevenção. A entrevista foi o método que melhor se adequou aos meus objetivos à interação direta com cada participante da pesquisa de modo individual (ver roteiro em apêndice). Embora houvesse esporadicamente algumas dificuldades nas respostas, quando relacionadas à intimidade desses jovens, foi notadamente muito mais fácil que no grupo focal. As respostas foram mais tranquilas, mais centradas e conseqüentemente mais reais. Isso também se deu em função das perguntas serem simples e diretas quando possível, em uma linguagem comum+ (HAGUETE *apud* GLADYS, 2006).

Por fim, acabei entrevistando oito jovens, sendo quatro de cada grupo. Uma vez que dois jovens do grupo que não participa do projeto se indispuseram a contribuir com a continuidade da pesquisa, tive que inserir dois novos jovens. Essa inserção foi muito interessante, pois um desses novos jovens revelou, na entrevista, não ter tido ainda a sua primeira relação sexual, acrescentando um novo elemento à pesquisa.

As entrevistas foram aplicadas de forma individual. Cada jovem foi orientado a falar apenas aquilo que quisesse e a que ficasse bastante à vontade, pois guardaria sigilo dos seus nomes. Busquei realizar esses diálogos em lugares neutros e isolados, sem nenhuma interferência externa tentando evitar qualquer tipo

de constrangimento, deixando esses jovens o mais à vontade possível. Para isso, utilizei o prédio da Associação de Moradores e o quintal de Roberto, o Vice-presidente da Associação. Esses espaços foram muito importantes na realização deste trabalho.

Nossas entrevistas foram realizadas em duas fases. No primeiro momento trabalhei apenas com dois jovens de cada grupo, o que posteriormente julguei insuficiente. Parti, então, para um segundo retorno ao campo. Nesse segundo momento inseri algumas novas questões que julguei importantes a partir da orientação. Devido à indisponibilidade de alguns jovens que já vinham contribuindo em continuar no processo e também por achar suficiente, decidi por envolver 04 (quatro) jovens por grupo. Na construção dos roteiros (ver apêndice) como estou trabalhando com um tema de difícil diálogo, tentei manter uma linguagem o mais acessível possível utilizando um roteiro, cobrindo diversos aspectos do fenômeno a ser estudado. Ou seja, por meio de suas respostas, os informantes revelam sua representação sobre a realidade, suas experiências e percepções básicas+ (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004, p. 56). Trabalhei com questões como: as primeiras informações sobre sexo? Como são vistos e tratados os homens jovens virgens entre os outros jovens principalmente na roda entre amigos? Nas oportunidades que você teve de fazer sexo e se prevenir, quem levou a camisinha você ou a parceira? Você tem informação sobre Aids? Entre outros questionamentos inerentes a vivência sexual desses jovens. Para o auxílio dos registros das informações a serem coletadas utilizei máquina, fotográfica e gravador. Além destes instrumentos, valorizei os mais variados tipos de linguagem: objetiva e subjetiva, ou seja, aquelas ditas verbalmente ou sugeridas por expressões corporais, na construção dos diálogos.

Paralelo à aplicação das referidas entrevistas construí, aplicando um questionário, um perfil descritivo e socioeconômico de cada jovem onde foram apontadas características tais como: idade, tempo em que vive na comunidade, renda familiar, se tem informações sobre prevenção a Aids entre outros (ver apêndice). A leitura sócio-econômica desses jovens mim dará a condição de perceber a qual realidade cada um desses jovens estão submetidos.

Busquei aqui compreender as percepções e comportamentos desses jovens em torno da vivência da sexualidade, de suas percepções sobre a Aids, da adoção de práticas sexuais voltadas para a prevenção e como estes as representam

em termo da construção das identidades de gênero. Nesse sentido, o exercício dos estudos antropológicos de **observar, ouvir e escrever** (OLIVEIRA, 2000) apresenta-se como tarefa constante e fundamental para a sistematização dos conteúdos, permeando toda a nossa caminhada metodológica.

### **3.1 CASA BRANCA: UMA REALIDADE A SER CONHECIDA**

A comunidade Casa Branca está localizada no bairro do SESI, às margens do manguezal do rio Paraíba, no município de Bayeux, a aproximadamente 5 km de João Pessoa. É composta por uma média de 350 famílias, com uma população aproximada de 1.500 habitantes. A grande maioria da população economicamente ativa trabalha no comércio, no mercado informal ou são aposentados e pescadores, havendo ainda, uma grande parcela de desempregados. Grande parte dessas famílias sobrevivem em média, com um salário mínimo por mês, de acordo com levantamento feito pela Associação de Moradores.

Casa Branca é uma comunidade ribeirinha que surge às margens do rio Paraíba, a partir de várias ocupações realizadas por diversas famílias em busca de moradia. Em sua fase inicial, as ocupações foram realizadas de maneira desordenada ocasionando um grande problema de devastação dos manguezais, provocando sérios problemas com o IBAMA.

Em Casa Branca, é fácil observar os vários problemas corriqueiros às comunidades de baixa renda: falta de saneamento (esgoto sanitário a céu aberto), poluição do rio Paraíba, escassez do pescado, saúde precária, mesmo com a existência de um PSF ( Programa de Saúde da Família). No que diz respeito à educação, a comunidade possui duas escolas - uma municipal e outra estadual - e o nível de escolaridade da maior parte da população, é apenas relativa ao ensino fundamental.

Embora a comunidade apresente problemas e seja precária de políticas públicas que respondam às suas necessidades, é muito articulada e possui uma Associação de Moradores bastante ativa que ao longo dos tempos, vem contribuindo com a organização local. A entrada principal para a comunidade, dar-se pela

avenida Liberdade, avenida principal de Bayeux. Casa Branca, é calma e ao mesmo tempo alegre, com ruas bastante movimentadas por pessoas, os carros enroscados com motoristas afobados manobrando os poucos veículos que ousam entrar naquelas ruas esguias e tortuosas, causam um grande alvoroço na criançada que ali brincam, as mães correm para a porta para ver os seus filhos, os pequenos bares com homens conversando e tomando um trago, o som das músicas se confunde e faz uma mistura nos ouvidos da gente, duas moças na porta limpando e pintando as unhas, tipo aquelas bem vaidosas, tudo isso forma um cenário tranqüilo e acolhedor.



Figura 01 . Acesso a Comunidade Casa Branca . Av. Liberdade (principal acesso)

Foto: Juliano Almeida . 21/09/07

As casas são pequenas, a maioria grudada umas nas outras, como que se quisessem aproveitar o máximo de espaço, resultado de uma ocupação desordenada. Muitas dessas casas, foram construídas em espaços inadequados, com isso houve o desmatamento do mangue e invasão do leito do rio, fato este, que na época das chuvas com o aumento do volume de água do Paraíba, enche toda sua margem, provocando inundações, prejuízos e conseqüentemente problemas de saúde, sobretudo nas crianças.

Para tentar amenizar esta situação, o município numa ação de parceria com o Governo Federal construíram 70 novas casas em local adequado dentro da própria comunidade, com o objetivo de remanejar estas famílias, ainda assim o problema permanece, pois nem todas as famílias foram contempladas pelo projeto.



Figura: 02 . Casa construídas a margem do Rio Paraíba

Foto: Juliano Almeida . 21/09/07

Embora a maioria das ruas sejam calçadas, não possuem esgotamento sanitário, as águas poluídas correm a céu aberto contribuindo para o surgimento de insetos, doenças e poluindo o rio Paraíba, uma das fontes de renda da comunidade.

Quem chega à comunidade, é possível ver com muita facilidade pessoas em sua maioria mulheres trabalhando no beneficiamento do pescado, chegam a nos impressionar a agilidade no trabalho de retirada da carne dos cascos dos caranguejos, siris e aratus, que repassam toda a produção para ser comercializadas por atravessadores.

Os homens que se dedicam ao ofício da pesca, não se envolvem nesse tipo de serviço, o papel deles é outro, o de ir buscar o pescado no rio, o que exige destes um outro tipo de fazer, o domínio da técnica da pesca e o do exercício da

paciência, segundo a comunidade a paciência é mais necessária, pois percebem que o pescado está cada dia mais escasso, segundo eles, %o rio está morrendo+ e cada dia se torna mais difícil a sobrevivência em torno da cultura da pesca.



Figura: 03 - Mulheres trabalhando no beneficiamento da carne de caranguejo.

Foto: Juliano Almeida . 21/09/07.

A presença do rio Paraíba ou simplesmente a %maré+ como todos da comunidade costumam chamar, apresenta-se como uma grande dádiva para a comunidade, seja como fonte de renda na produção do pescado, sustento para várias famílias, seja como alternativa de lazer, considerando que Casa Branca não tem outras opções dentro da comunidade. Quando o rio Paraíba seca forma-se um grande banco de areia em frente à comunidade onde os jovens aproveitam para se divertir como se fosse um espécie de praia, tomam banho e jogam futebol, neste momento, o rio que traz o peixe, esvaziasse para a dar o alimento da alma, a alegria e a diversão.

A maioria dos jovens não se envolvem com a cultura da pesca no Paraíba, ou no que eles chamam com muita propriedade de %maré+, alimentam a idéia do trabalho formal no comércio de João Pessoa, segundo eles é mais seguro pelo fato de assinar a carteira, infelizmente quase todos os serviços ofertados são no mercado informal, servindo de mão de obra barata em subempregos.



A juventude de Casa Branca tem seus lugares preferidos de encontro, costumam se reunir na esquina da rua dos Pescadores, cruzamento com a rua Tenente Heleno, com suas calçadas e sobra a vontade, ou na frente da retifica, empresa situada na entrada da comunidade, são os pontos referenciais da galera, lugares bastante sugestivo para uma boa conversa, um bom bate papo entre amigos, planejar finais de semana, encontro para as saídas ou até mesmo para passar o tempo, foi em um desses ambientes que tivemos nossos primeiros diálogos sobre o tema abordado em nossa pesquisa, é assim que funciona o transito dos jovens dentro da comunidade, tudo escoa para esses dois lugares.



Figura 04 - Esquina das Ruas dos Pescadores com Ten. Heleno (ponto de encontro dos jovens da comunidade)

Foto . Juliano Almeida . 21/09/07.

Alguns jovens estão inseridos na vida política da comunidade, quer seja no grupo de jovens da igreja católica ou nas ações da Associação de Moradores contribuindo para a melhoria dos problemas da comunidade. Uma atuação que merece destaque é a da Rádio Comunitária *Maré Alta*, fundada a partir do *Projeto Fala Garotada*, desenvolvido em parceria entre a Associação de Moradores,

Amazona e a Petrobrás, é um dos espaços onde os jovens mais atuam, realizando programas radiofônicos, protagonizando grande parte das ações desenvolvidas na rádio. Dentro da programação, além de tratar dos vários temas inerentes à realidade da comunidade, são garantidos programas informativos de prevenção às DST's/HIV/AIDS, realizado pelos próprios jovens.

A comunicação comunitária construída, a partir da Rádio da comunidade vem contribuindo consideravelmente na resolução de vários problemas dentro da comunidade a situação da poluição do rio é um deles, no qual a Associação de Moradores vem tentando desenvolver um trabalho de conscientização informando e sensibilizando para a necessidade de preservação do meio ambiente.



Figura: 05- Jovem realizando programa na Rádio Comunitária Casa Branca.

Foto . Juliano Almeida . 21/09/07.

Seguindo a tendência das comunidades inseridas num contexto de exclusão social, Casa Branca, vem passando por um processo de violência relacionada ao tráfico de drogas. Em diálogo com o Senhor Roberto, vice-presidente da Associação de Moradores da Comunidade Casa Branca, ele diz tratar-se de um problema recente, mais que preocupa muito, pela própria vulnerabilidade da comunidade em tratar da questão. São pessoas razoavelmente novas na

comunidade que estão se instalando e instaurando esse ambiente na comunidade, sendo que um dos fatos que mais preocupa é que alguns jovens da comunidade já estão envolvidos e que a tendência do problema é se agravar.

### **3.2 OS JOVENS E AS ENTREVISTAS**

Em nosso primeiro contato com a comunidade para a realização da pesquisa, buscamos dialogar com a direção da Associação para apresentar a proposta de trabalho a ser desenvolvido. O vice-presidente da Associação de Moradores da comunidade Casa Branca, Sr. Roberto, com muita presteza abraçou a proposta e se disponibilizou a contribuir naquilo que fosse necessário. A partir daí, abria-se a porta de acesso à comunidade para a realização da pesquisa.

O primeiro passo foi frequentar e observar a comunidade, no sentido de apreender sua realidade e desenvolver estratégias de ação que viabilizassem o contato e seleção dos jovens que poderiam ser inseridos na pesquisa. Foram alguns dias passeando pelas ruas, fazendo alguns registros fotográficos, coletando várias informações e anotações das minhas impressões. Como já detinha certo conhecimento da realidade local, pude ir afirmando esse olhar, a partir de algumas identificações construídas com alguns moradores da comunidade.

Sempre tive um grande afeto pela Casa Branca, até porque já tinha desenvolvido alguns trabalhos antes ali, logo que cheguei para morar em João Pessoa. Nessa oportunidade conheci Roberto, vice-presidente da Associação.

Um outro elemento importante a ser considerado é a minha condição de educador da Amazona, organização que, como já foi dito, desenvolve um trabalho em parceria com a Associação de Moradores dentro da comunidade.

Devo confessar que estas referências contribuíram no processo, de forma que acabei não encontrando grandes dificuldades em identificar e sensibilizar os jovens para participarem da pesquisa, pelo menos no início.

O meu primeiro contato foi com um jovem que aqui chamaremos de Tobias (para preservar a sua identidade), uma liderança juvenil local que identifiquei como aliado estratégico e que logo se disponibilizou a ser articulador dos demais

jovens. Afora a mediação de Tobias, eu próprio conheço muitos jovens da comunidade e acho que essa relação também favoreceu a adesão destes. Marcamos a nossa primeira reunião com o primeiro grupo, ou seja, com os 05 (cinco) jovens participantes do projeto da Amazona, e todos compareceram. Nessa reunião, apresentamos a proposta de pesquisa e os jovens, sem fazerem muitos questionamentos, aderiram ao trabalho. Tudo confirmado pedi que preenchessem um pequeno questionário com dados socioeconômicos.

Tudo pronto com os jovens do primeiro grupo, faltava o segundo grupo, o dos jovens que não participam no projeto, e como eu esperava, não foi tão tranquilo quanto o outro, primeiro porque tinha muitos jovens introvertidos. De fato, acho que essa foi uma das características mais acentuadas deste grupo, o que em parte pode-se atribuir ao fato de não me conhecerem. No nosso primeiro encontro com os 05 participantes, apresentei a proposta, e eles fizeram alguns questionamentos do tipo: %vai gravar a gente? Para quê?+ À medida que eu ia respondendo aos questionamentos levantados por eles havia um riso coletivo e contagiante. Por fim, todos aceitaram e a exemplo do primeiro grupo pedi que preenchessem o questionário socioeconômico.

No desenvolvimento da pesquisa, três jovens foram substituídos, primeiro o Petrucio que mudou para uma outra comunidade, fato que me entristeceu, por este ser um dos mais novos do grupo, essa característica trazia alguns elementos interessantes a ser observado. A indisponibilidade de Ariano e Benigno em continuar participando do processo provocou a necessidade em determinado momento de introdução de dois novos jovens ao grupo.

Uma característica que eu acho importante ressaltar nas falas de todos os jovens com um grau mais acentuado para aqueles do grupo sem participar no projeto, é a dificuldade da elaboração do pensamento e das idéias. As questões eram respondidas na maioria das vezes por monossílabos, e algumas vezes bastante confusas o que foi sofrível na transcrição dos conteúdos.

Embora tenha pedido sigilo do que foi conversado durante as entrevistas, pressentia que, pelo tom das brincadeiras entre eles, nosso acordo talvez não fosse cumprido, o que me deixou receoso. Com o desenvolvimento da pesquisa e o passar do tempo percebi que o nosso pacto foi cumprido.

Como já foi mencionado anteriormente, identificamos como importante a descrição sócio econômica desses jovens, revelando características e algumas informações

sobre cada um, possibilitando visualizar em que contexto estes estão inserido ( ver tabela em anexo).

Como já dissemos em momento anterior, o nosso trabalho trata de questões ligadas a intimidade dos jovens participantes da pesquisa e em quanto forma de protegê-los, daremos a esses codi nomes.

Descrição dos participantes por grupo (codinomes):

- **Grupo I:** Tobias, Francisco, Francinaldo, Rosário, Nonato
- **Grupo II:** Ariano, Ranieli, Estevão, Ramiro, Benigno, Radamés, Petrucio.

#### 4 - JOVENS DE CASA BRANCA COMPORTAMENTO E PERFIL

O universo da pesquisa foi delimitado pela construção do perfil sócio, cultural e econômico de cada jovem, a realização de dois grupos focais para nortear a discussão sobre alguns dos comportamentos contemporâneos identificados a partir das provocações demandadas pelos jovens nos grupos, a exemplo do %ficar+e %amarar+, e a aplicação de oito entrevistas estruturadas e abertas.

Portanto, foram dois grupos focais analisados e mais oito entrevistas aplicadas o que caracteriza o teor significativo do estudo no sentido de estar voltado para uma análise antropológica, de cunho qualitativo, com base nos comportamentos e reações sociais e culturais desses jovens na vivência das suas relações de gênero e sexualidade. Isso se deu a partir da construção do perfil sócio, econômico e cultural dos mesmos<sup>1</sup>.

Nesse contexto é necessário registrar as características gerais da vivência dos jovens na comunidade Casa Branca. O ambiente físico da comunidade é um desses elementos pela disposição das casas e pela geografia das ruas que além de sinuosas e estreitas, proporcionando aos seus moradores repetidos encontros com várias pessoas, garante uma maior interação entre os jovens gerando uma maior intimidade e cumplicidade.

A observação do espaço físico e social de Casa Branca no desenvolvimento da pesquisa, demonstrou que os jovens costumam se encontrar num lugar estratégico, tudo na comunidade escoia para a rua dos pescadores, cruzamento com a Tenente Heleno que funciona como %Boit+ dos jovens, onde trocam informações e aproveitam para discutir diversos assuntos, inclusive socializar as programações de finais de semana e planejar saídas, na maioria das vezes em grupo, salvo em alguns momentos específicos quando vão por exemplo, namorar ou %ficar+

Foi possível perceber ainda, que não há uma distinção entre os jovens, ou seja, embora existam as preferências a partir das relações de amizade, não observei a existência de agrupamentos de modo a criar divisão entre estes.

---

<sup>1</sup> Quadro do perfil sócio, econômico e cultural dos jovens.

Da mesma forma, é importante destacar algumas das principais características apresentadas pelos jovens envolvidos na pesquisa, a saber: têm idades que variam de 15 a 23 anos, metade deste nasceram e foram criados na própria comunidade de Casa Branca; apenas dois jovens afirmaram não estar na escola e somente um concluiu o segundo grau. No que diz respeito à profissionalização, são: estudantes, desempregados ou vivendo uma realidade de sub-emprego, exercendo algumas atividades temporárias como descarregador (estivador), bisciteiro, ajudante de padeiro.

Sete dos oito residem com os pais e estão inseridos em famílias com números que variam de 03 a 11 pessoas, com renda mensal que vai de um até 2,5 salários mínimos; são jovens totalmente dependentes economicamente das famílias. Apenas um é casado, independente financeiramente e mora com a esposa e um filho.

No tocante aos hábitos de lazer e cultura os jovens envolvidos com a pesquisa indicaram que nos momentos livres costumam passear, olhar a maré, jogar vídeo game, conversar com os moradores, vizinhos e amigos/as; alguns apontam que além de se reunir com lideranças para buscar possíveis mudanças no sentido de melhorias para a comunidade, atuam na rádio comunitária local participando da programação, das oficinas educativas e eventos comunitários.

A contextualização de todo esse universo das relações vivenciadas pelos jovens na comunidade configura-se como uma ponte a intermediar a análise dos dados antropológicos do comportamento dos homens jovens de baixa renda que têm e não têm acesso a informações de prevenção oportunizadas pela ONG AMAZONA. É sobre essa análise que trataremos nos capítulos que seguem.

#### **4.1 ENTRE O FICAR E O NAMORAR**

No diálogo com os dois grupos focais, pude observar que o primeiro grupo se expressava com maior facilidade na fala e na elaboração das idéias. Já o segundo, se expressava na maioria das vezes, por monossílabas: sim, não, talvez, etc. Fato este que em alguns momentos dificultou o diálogo, me fazendo refletir o

que isso representa: O que motivou tais comportamentos? Falta de auto-estima, inibição, timidez ou pouca informação? No grupo I, havia uma apropriação dos conteúdos abordados, como também, a necessidade de expor seus pensamentos e idéias entre outras coisas diferentemente do grupo II.

No desenrolar dos grupos focais pude observar o universo das relações juvenis na comunidade Casa Branca, sendo evidente a ênfase que os jovens dão a esse novo modelo de relação denominada *ficar*. Modelo este instituindo a partir de novos padrões de comportamentos que conflituam com os arquétipos sociais historicamente construídos e que são predominantemente conservadores e, sobretudo, permeados por fundamentalismos religiosos e de controle da família.

No tocante ao que foi apontado pelos jovens com relação ao namoro e *fica*, observo que os dois grupos percebem as relações de forma semelhantes.

*Ficar é realmente isso coisa de momento, coisa que você chega assim, nem conhece a pessoa direito e fica, simplesmente porque tem uma atração física no momento+ (Grupo I)*

*Do cara sente prazer de beijar, tirar sarro, essas coisas+(Grupo II)*

Sobre isso é colocado no estudo Juventude e Sexualidade (2004) a reflexão de que essa *relação* deve, aliás, ser percebida como uma reorganização da trama social para que projetos de vida, e de prazer, possam ser perpetuados na lógica da atual organização social (de produção e de consumo) +

As relações amorosas que sempre estiveram pautadas a partir da construção do compromisso, passam por ressignificações. Nessa nova ordem do *ficar*, as relações são descontínuas, não existem os contratos amorosos, nem tão pouco, compromisso e fidelidade. Caracteriza-se por encontros esporádicos e fortuitos.

Embora as minhas observações tenham caminhado na identificação dessa mesma perspectiva, de um novo ideário imposto pela cultura do *ficar*, percebi nos conteúdos coletados com os jovens de Casa Branca a preocupação com a prevenção, como também a possibilidade do *fica*, evoluir para uma relação mais séria.



*... ) ficar tem que ser com responsabilidade, entre outras coisas, para não pegar tipo uma DST quando você vai sair com aquela pessoa, tipo... é mais ou menos isso+*

*...o.) Tem uma coisa no ficar que a pessoa fica naquele momento, mas pode ser até amor à primeira vista. A pessoa fica com aquela pessoa, aí depois, fica um dia, aí fica outro, mais outro, e aí pode se tornar em namoro+*

Esse novo modo de encontro ou de entrada na relação, intitulado *ficar*, vem difundindo-se na juventude. É um tipo de conhecimento que se estabelece geralmente em um lugar público (festa, baladas, boates, bar), a atração dos indivíduos suscita em contato corporal imediato (beijos, carícias, até mesmo relação sexual), sem vínculo entre os parceiros, que, em geral se separam, sem perspectivas de se reverem+ (RIETH, 1998. *apud* HEILBORN, 2006)

O *ficar*+ afirma-se como uma categoria específica e distinta entre os relacionamentos. Diferente do namoro acaba assumindo o lugar da paquera, sendo que esta é marcada por uma certa ingenuidade e tem um papel fundamental no encontro, permeado por olhares, flertes e romantismo.

O *ficar* flexibiliza projetos e aponta para o temporário e passageiro, colaborando para abrir possibilidades de experimentação. O que podemos observar nitidamente na fala de um dos jovens do grupo focal:

*(...) Às vezes, a gente está numa festa e fica com uma pessoa só por ficar, mas aquele fica termina muito em namoro. Tem pessoas que na forma de abraçar e na forma de beijar também a gente fica gostando daquela pessoa e isso pode terminar num namoro. Eu conheço colegas meus que ficou por ficar e acabou gostando né? E estão namorando, é isso é legal também.*

Na atualidade, o *ficar* assume uma função importante na construção das relações tidas como formal a exemplo do namoro e casamento. Para esses jovens esse tipo de relação além de favorecer um contato despretenhoso e sem compromisso, serve também como possibilidade de encontro da pessoa pretendida,

podendo evoluir para uma relação mais séria do tipo namoro, podendo atender algum dos padrões convencionais de relacionamento. Pois, com relação ao namoro os grupos fazem outro tipo de conceitualização:

*“Namorar é uma coisa séria, eu geralmente não namoro com pessoas que eu não gosto. No namoro é que você vai conhecer melhor aquela pessoa, você vai saber realmente se é aquilo que você quer, eu considero namoro uma coisa importante, uma introdução ao casamento” (Grupo I)*

*“Namorar é um compromisso sério, que a pessoa sempre vai estar com ela todos os dias, né? Se encontrar. É sério, a pessoa tem o dia de ficar certo mesmo. Porque os pais não gostam de a pessoa tá direto, namorando em casa, né?” (Grupo II)*

O namoro está em outro patamar, foram frequentemente usadas as expressões *“coisa séria”* e *“compromisso”* quando se referiram ao namoro. Como eles dizem, é uma relação mais séria que demanda respeito e honestidade, ou seja, é uma relação que não se tem com todas as meninas, só com aquelas que você pretende casar, embora eles também identifiquem que um *“fica”* pode se transformar em um namoro.

Entretanto, as afirmativas feitas pelos dois grupos se encontram em perfeita consonância com as atuais teorias do *“fica”*, onde *“o fica”* comporta diferentes formas de equacionar prazer sexual e afetividade, ressaltando-se sua plasticidade. (Juventudes e Sexualidade, 2004).

No entanto há uma característica peculiar ao grupo I, que faz um diferencial na percepção da responsabilidade com a prevenção, como podemos observar:

*“Ficar tem que ser com responsabilidade entre outras coisas para não pegar, tipo uma DST quando você vai sair com aquela pessoa... é mais ou menos isso”*

## 4.2 ENTRE O TER E NÃO TER INFORMAÇÃO

Cada entrevista<sup>2</sup> enfocou questões que perpassaram elementos significativos de identificação dos comportamentos da vivência sexual e preventiva desses jovens como, por exemplo, o fato de todos os entrevistados afirmarem não ter usado preservativos na sua primeira vivência sexual.

*Na verdade eu não usei, até porque eu não tinha nem noção do que era preservativo e os bens que ele poderia trazer pra vida nossa né, eu não usei* (Fala de Tobias)

No que se refere às experiências sexuais, a maioria dos jovens afirmaram já terem vivenciado a sua primeira relação sexual com idades entre 12 e 15 anos, como podemos perceber em seus relatos:

*Eu era virgem e eu fui com essa garota... quando eu comecei penetrar, começou a sair sangue do meu pênis. Fiquei com medo, eu não sabia o que caramba era aquilo. Eu ia sair... Uma hora depois... A cueca ainda tava melada de sangue, eu cheguei pra o meu primo e comecei a falar e ele começou rir de mim... e não dizia nada. Aí ele falou: isso é normal, não sei o quê, tal... Eu tinha cerca de 13 anos. Aí procurei ela pra gente tentar novamente e foi muito difícil. Quase um ou dois anos após aquele primeiro contato, foi que eu tive com essa mesma pessoa.* (Fala de Tobias)

*Eu tinha 15 anos e a pessoa que tive a minha primeira experiência, tinha 20. Na primeira vez, na hora que eu... eu fui colocar pra dentro, eu fui sem preservativo... aí começou a doer no meu pênis, aí eu quis mais não. Tirei pra fora. Aí no outro dia fui de novo, aí botei pra dentro e tchau* (Fala de Estevão).

---

<sup>2</sup> Apêndice 1 Formulário da Entrevistas ao jovens.

Percebemos ainda, nas entrevistas envolvendo os jovens com e sem acesso a informações de prevenção provenientes da ONG AMAZONA, que a falta de uma educação sexual resulta numa significativa fragilidade e vulnerabilidade, uma vez que o conhecimento sexual deles é muitas vezes construído a partir de conversas com amigos ou apreendida no ato da prática sexual. Isso se agrava pelo fato da não utilização do preservativo.

*%Conversar diretamente com meus pais nunca. Apenas minha mãe às vezes quando eu vou sair assim pra uma festa, tal, ela: Olhe, cuidado com as bozinhas aí, viu? (...) O único conhecimento que eu tive assim sobre sexo, foi quando chegou um projeto aqui na comunidade. O Projeto Fala Garotada, que veio através da Amazona, de formações, capacitações sobre DST e AIDS(...)+(Fala de Rosário).*

*%Minha família nunca falou comigo sobre sexo não, penso que eles achavam que eu não estava preparado, aprendi, através de colegas que sempre rolava os comentários na rua, também com os adultos. +(Fala de Ramiro).*

A falta de uma educação sexual configura-se como um dos maiores problemas na iniciação sexual, onde a maioria dos jovens tem em suas primeiras vivências sexuais grandes dificuldades, inclusive, se transformado em problemas pelos simples fato das ausências de orientação. *%Acredito que a família seja uma fonte importante, mas, muitas vezes, ela serve apenas para esclarecimento de aspectos específicos e não é a fonte principal para a educação sexual, daí aprender em conversas com amigos/as e não ser tão eficiente+(GONÇALVES, 2002).*

Outro aspecto observado são as relações de amizades existentes entre eles, onde algumas brincadeiras, geralmente provocadas pelos mais velhos, trazem com ironia o fato da virgindade dos mais novos; como podemos observar nestes depoimentos.

*%Ter feito feito sexo me trouxe um ânimo a mais, acaba a gozação dos amigos que ficavam me chamando de queijão.*

*Acaba todas as questões que há por conta da galerinha que você se reúne.* †(Fala de Rosário)

*É assim, tem o grupo de colegas né? Tem uma rodinha, aí aquele que é virgem, a gente fica zonando da cara dele. Porque a gente tem experiência, e na idade que ele já tem, não tem nenhuma experiência. Assim, tipo feito sexo. Como a gente já tem relação, sabe como é a mulher (...) Acho que ele se sente meio criticado por não saber de que jeitão é.* †(Fala de Ramiro)

Nas duas falas podemos perceber que as brincadeiras criadas em torno da vivência sexual, se apresenta como símbolos de poder, de status e demarcação de território. Há uma forte pressão social para que a vida sexual dos rapazes aconteça o mais rápido possível [...] No imaginário social, quanto mais cedo se der essa iniciação, mais experiência e eficiência os rapazes levarão para a vida adulta.+ (Juventudes e Sexualidade, 2004)

Da mesma forma, foram relevantes as declarações dos jovens envolvidos na pesquisa no tocante a masturbação. São os primeiros contatos que os jovens têm no despertar da sua sexualidade: o toque como forma de descoberta do seu próprio corpo e o encontro do prazer sexual que isto proporciona. Segundo os jovens a masturbação é algo comum entre eles:

*A masturbação é uma forma de sexo seguro, na minha opinião. Até porque quando você tá praticando, você não está se expondo ao risco, dependendo de algumas ocasiões. Eu acho interessante, inclusive eu me masturbo. Quando eu tinha cetera idade digamos, uns 15 anos, eu e meu primo, a gente fazia inclusive, aquela rodinha pra ver quem ejaculava primeiro. A gente ficava até resenhando um com o outro: Ah! Isso aqui é pra tua irmã, isso aqui é pra outra tua irmã. Então digamos que a gente fazia uma competição. Quem conseguia ejacular primeiro. Eu pratico e quero continuar praticando por muito e muito tempo. Assim se caso eu consiga, até mesmo na idade avançada* †(Fala de Tobias).

A experiência da masturbação, estreitamente ligada à produção e evocação de fantasias sexuais, é quase universal entre os homens [...] Mais precisamente, é possível afirmar que a masturbação juvenil é a porta de entrada para a sexualidade dos rapazes [...] Dois terços dos rapazes se masturbam antes de dar o primeiro beijo na boca [...]q(BOZON, 2004).

Também foi possível observar entre os jovens do grupo sem acesso às oficinas de formação realizadas pela AMAZONA, certa repulsa para o uso da camisinha, embora exista todo um trabalho de mídia construído em torno da importância do uso do preservativo. Isso evidencia tanto a constatação da ignorância frente às questões da saúde reprodutiva, quanto revela uma maior vulnerabilidade não só para a grande probabilidade de infecção pelo vírus HIV, como para o contágio de outras DST's, assim como, a gravidez não planejada.

*%Sexo pra mim sem preservativo não rola de forma nenhuma. Se tiver que deixar de transar por conta que a minha parceira queira não usar preservativo, então não vai rolar sexo com ela, porque a DST ou uma Aids não está escrito na testa e sim dentro da pessoa. Então não dá para você ter essa visão+(Fala de Rosário).*

*%Usar camisinha, não acho assim, legal não. Porque é um negócio que fica incomodando a pessoa, mas pra saúde da gente, tem que usar, né?+(Fala de Ramiro).*

Logo %a construção de que o prazer é maior quando as práticas sexuais são mais naturais condiciona a recusa ao uso do preservativo, considerado artificial. Embora tal representação sobre sexualidade não tenha substrato na literatura especializada em sexualidade, ela faz parte do ideário de muitos jovens+ (Juventudes e Sexualidade, 2004)

No que diz respeito ao porte do preservativo, percebe-se a partir dos depoimentos obtidos, que os jovens valorizam e adotam a prática da precaução, conduzindo-o sempre, em todas as ocasiões, para qualquer possibilidade. Essa condição além de evidenciar um comportamento de prevenção, evidencia também, um comportamento da cultura do masculino: de estar sempre preparado para a

prática sexual. Dialogando desta forma, com a cultura do macho predador que está sempre à procura da caça.

*%Eu ando sempre com preservativo no bolso, teve uma parceira que eu tinha que sempre ela tinha também, ela andava com o preservativo na bolsinha então nos dois levamos preservativo, mas teve outras garotas que não levavam, então na maioria das vezes quem leva o preservativo sou eu+(Fala de Tobias).*

*%Eu, quando eu saio, costumo levar sempre (...) Já perdi as contas de quantas vezes já fiz sexo. Tantas vezes que não posso nem contar (...) Quando eu era mais novo não procurava me prevenir não, mas depois que a pessoa aí começou a comentar sobre doenças transmissíveis aí eu procurei sempre me prevenir, até agora+(Fala de Ramiro).*

Assim a idéia de necessidade sexual irrefreável e incontrolável, por exemplo, que deve ser satisfeita através do sexo sob pena de provocar danos à saúde masculina, é apenas a face mais visível de um conjunto muito mais complexo de interpretações a respeito da sexualidade masculina [...](PORTELLA, 2001).

Sendo assim, com base no diálogo com os jovens envolvidos na pesquisa, percebo que o acesso à informação configura-se como um elemento de fundamental importância no exercício de uma prática sexual segura. Contudo, por si só, não garante a efetivação desta prática. Está muito mais relacionada a uma questão de atitude, auto-estima, preservação da vida, responsabilidade e consciência.

Gonçalves (2002) entende que ter que se proteger, agir, se impor e ter autonomia e liberdade para dizer não, quando um parceiro/a não quer se prevenir, requer uma postura que nem sempre condiz com a que socialmente é representada pela juventude+.

*%Ter informação eu não considero garantia de prevenção, até mesmo cada pessoa tem uma maneira de pensar e de agir. Então, não se pode ter a noção na cabeça de todo mundo. Mas que é importante à questão da informação, sempre estar levando*

*a informação. Até mesmo porque os dados que temos hoje, dá pra colocar muito medo, muito receio. Então, tem uma certa garantia+(Fala de Rosário).*

*%Acho que ter informação dá mais segurança à pessoa. A informação sobre aula de sexo assim, vai dar mais incentivo à pessoa na hora de praticar o sexo, usar o preservativo+(Fala de Ramiro).*

Neste sentido, concordo com Heilborn, quando afirma que %A falta de informações sobre a contracepção é reiteradamente colocada em questão, mas todos os autores concordam em dizer que um bom nível de informação não é forçosamente preditivo de comportamentos de prevenção (LUKER, 1996. *apud* HEILBORN, 2000).

Um dos grandes problemas da atualidade é o acesso à informação. Mas, de que tipo de informação estamos falando? É bom que isso fique bem definido. Falamos de uma informação que cumpra o seu verdadeiro papel: o de informar, de esclarecer, de conscientizar as pessoas sobre a importância das coisas e de comportamentos diante de várias situações da vida. Não tratamos aqui de uma informação superficial que confunda mais do que explique que esconda as verdades e omita fatos. Falamos de informações que toque na vida e realidade das pessoas, que as torne cidadãos e sujeitos de sua própria história.



## 5 SEGUINDO O PERCURSO DE UMA HISTÓRIA

Na realização desta pesquisa trabalhamos com homens jovens de uma comunidade do município de Bayeux. Este trabalho adquire uma característica própria por abordar a realidade específica do exercício da sexualidade de homens jovens de uma comunidade de baixa renda. Neste aspecto, a contribuição trazida por este trabalho dá-se pelo fato de refletir questões voltadas para o exercício da sexualidade dos homens jovens e a necessidade da prevenção às DST's/HIV/AIDS.

Na construção deste processo, me ative a observar quais as variáveis do impacto de um projeto dentro de uma comunidade e como dois grupos de características distintas - participando, ou não de um projeto social - interagem a partir das informações disponibilizadas por este projeto.

Considerando o tema trabalhado em minha pesquisa, evidenciamos comportamentos sexuais juvenis. Minhas observações caminharam na perspectiva de afirmar determinadas questões já trazidas por alguns estudos realizados e refutar outros, a partir de reflexões acerca dos novos padrões de relações entre os jovens. Como por exemplo, a explosão do ficar, identificada como novidade dos tempos modernos.

Mas o necessário agora é me perguntar: Quais os significados, mudanças e alcances do projeto da AMAZONA na vida dos jovens da comunidade Casa Branca? Qual o diferencial que traz para cada um?

Os modelos sexuais são construídos a partir dos referenciais da história de vida de cada pessoa. Neste sentido, o aprendizado está diretamente relacionado às várias redes de informação que fatalmente irão condicionar o comportamento dos indivíduos nas suas interações sociais. Nesta perspectiva, destaco as ações desenvolvidas pela Amazona enquanto uma das bases impulsionadoras para a construção de novos comportamentos na interação com o novo cenário introduzido pela realidade dinâmica da sociedade.

Embora os dois grupos não percebam dificuldades de relação entre eles, ficou possível identificar um distanciamento sutil e natural decorrente das percepções que estes têm construído a partir do acesso à informação que estão para além da prevenção da Aids.

No diálogo com os jovens percebemos que existe uma outra diferença entre esses dois grupos no tocante a como se expressam e manifestam as suas idéias sobre o tema. No grupo com acesso as formações oriundas da AMAZONA havia domínio, espontaneidade e propriedade das falas e a elaboração das idéias tinha uma seqüência lógica com respostas extensas e articuladas. Essa apropriação indica que participar de processos formativos que promovam o acesso à informação gera conhecimento e sabedoria, inclusive, podendo sugerir a adoção de práticas sexuais seguras.

Em relação ao grupo II, no tocante as falas dos jovens que não passaram por processos formativos junto a AMAZONA, havia um ambiente de incômodo gerado pela insegurança em responder questões da intimidade, que na minha percepção decorre da dificuldade de diálogo com o tema. Uma característica que eu acho importante ressaltar foi a dificuldade na elaboração do pensamento e das idéias. As questões eram constantemente respondidas por monossílabas e na maioria das vezes de forma confusa. Neste momento, não há como não comparar os dois grupos: ao contrário do primeiro grupo, senti uma grande dificuldade em coletar e extrair os dados e conteúdos pretendidos na entrevista.

Um elemento que vale a pena ser ressaltado, foi o ambiente criado pelos mais velhos por ocasião das perguntas mais picantes. Quando os mais novos respondiam, havia motivo para risos. Mesmo tentando evitar, surgia naturalmente, enquanto forma de dominação, evidenciado que a experiência sexual funciona como elemento demarcador de território e gerador de poder e status.

Quando questionados com relação às ações desenvolvidas pela AMAZONA na comunidade, se essas chegam a criar algum tipo de divisão entre os jovens que participam e os que não participam dessas ações, os jovens afirmaram não existir essa divisão entre os grupos. Entretanto, pude observar que ainda não sendo nítida, há um distanciamento sutil entre os jovens que se manifesta cotidianamente em virtude do posicionamento diante da realidade apresentada em suas vidas; uma vez que o acesso às formações educativas com enfoque na sexualidade e na prevenção, geram condutas e comportamentos diferenciados, e com isso, a adesão entre os que percebem os problemas de maneira semelhante que acabam fazendo as suas escolhas e geralmente optam por aqueles de postura semelhante.

Também foi marcante nesta pesquisa, identificar que 100% dos jovens entrevistados não usaram preservativo na sua primeira relação sexual. Este fato além de ser preocupante, revela a grande vulnerabilidade que acometem grande parte dos jovens nesse momento de suas vidas, evidenciando que a inexperiência é um dado a ser considerado no exercício da prevenção. Essa situação se agrava quando aliada à falta de informação.

Em contrapartida, hoje os que têm acesso à informação, afirma ter relação só com preservativo, o que pressupõe que a informação vem contribuindo para a adoção de práticas sexuais seguras. Embora a informação não seja a garantia da prevenção ela é processual, é meio. Ter conhecimento, é poder de entender, é poder para fazer diferente. Ainda assim, não podemos afirmar que a informação para a prevenção por si só responda à uma mudança de comportamento. É necessário que se tenha atitude, e para tanto, há outras variáveis para além da prevenção que são importantes: auto-estima, conhecimento do corpo, cidadania, autonomia, protagonismo, entre outros elementos que conspiram para que o jovem torne-se sujeito de sua própria história.

Com o mesmo grau de importância é necessário perceber que as atitudes comportamentais nas relações sexuais dos jovens na atualidade caminham para uma maior flexibilidade dessas relações, inclusive, com uma maior permissividade na troca sexual. O fato é que o desenvolvimento das relações provocadas pelo ficar coloca em evidência uma questão agravante na atualidade: a prática sexual e a juvenização da Aids, considerando que, segundo dados do Ministério da Saúde o público juvenil se apresenta como um dos públicos que mais cresce entre portadores do vírus HIV no país. Neste sentido, precisamos encontrar respostas que venham atender a esta realidade.

Vivenciamos momentos de quebra de paradigmas e rompimento de modelos estáticos, onde as relações estão sendo repensadas e redefinidas. É justamente nesse ambiente que percebemos o ficar enquanto forma de expressão maior de rebeldia e de reconstrução de conceitos que melhor dialoguem com a realidade social em construção, onde as mulheres estão exercendo um papel cada vez mais diferenciado avançando em suas decisões, empoderando-se e protagonizando cada vez mais a sua história. Por outro lado, os homens sofrem as influências dessas mudanças, e naturalmente, estão sendo condicionados ao desenvolvimento de novas práticas e de uma nova formação do masculino.

Ainda que o ficar seja considerado uma novidade dos tempos modernos e pode estar desestabilizando tradicionais relações hierárquicas de gênero, e mais, possibilitando que as jovens experimentem outras formas de vivenciar prazer e afetividades, não necessariamente, esgotando-se num significado único e libertário desta prática.

A sexualidade habita num universo clandestino, sob o véu da culpa e do pecado, onde todos fazem e pouco se fala, funcionando enquanto símbolo de poder e status e como moeda de inserção e aceitação dos grupos.

Se tomarmos as questões de gênero como parâmetro, perceberemos que o masculino ainda ocupa uma posição favorável. Funciona como sujeito ativo nas relações sexuais que é o dominador, sempre à procura da caça. Esta postura do macho foi identificada nos dois grupos. A afirmação da masculinidade, pelo que foi possível perceber, ainda se dá a partir de uma postura mais incisiva.

O papel da Amazona dentro da comunidade não se restringe ao diálogo apenas com o jovem, é uma ação mais ampla, que perpassa pela família, pela escola, pelas Unidades básicas de saúde, pela organização comunitária e pelo desenvolvimento e efetivação de políticas públicas em níveis municipais, estadual e federal. O jovem é parte do processo em todas estas dimensões.

Se faz emergente a consolidação de políticas públicas de saúde e educação inclusiva que quebrem o silêncio existente entre instituições públicas e o universo privado da vivência da sexualidade, oferecendo à juventude o espaço para a participação na elaboração e execução destas políticas, vindo a responder às reais necessidades dos jovens.

O que foi possível observar é que há uma fragilidade na participação da família na educação sexual destes jovens. Este fato é reflexo da limitação que se tem no diálogo com a sexualidade, decorrente de uma repressão sexual motivada pela nossa história cultural, fortemente marcada pelas influências religiosas judaico-cristã.

## RERÊNCIAS

ÁVILA, Maria Betânia, **Textos e imagens do feminismo**: mulheres construindo a igualdade. Recife: Bagaço 2001.

BOZON, Michel, **Sociologia da sexualidade** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CASTRO, Mary; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.

DAYRELL, Juar ez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, set-dez. 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber, 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRANCH, Mônica. **Tardes ao léu**: um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de peri feria. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

GAUDERER, E. Cristian. **Sexo e sexualidade da criança e do adolescente**. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos tempos, 1996.

GLADYS, Cristina. **Família homens e desemprego**: debatendo masculinidades e família em bairros populares de João Pessoa. 2005. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

GONÇALVES, Helen. Comportamentos afetivo-sexuais dos jovens. Entrevista. [www.amaivos.uol.com.br](http://www.amaivos.uol.com.br). Acessado em 15 de maio de 2006.

HEILBORN, M. Luiza. **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **O traçado da vida**: gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. **A construção social das idades**: mulheres adultas de hoje e velhas de amanhã.

\_\_\_\_\_. **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2005.

HEILBORN, Maria Luiza; BRANDÃO, Elaine Reis. **Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro**. Cad. de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 22, n. 17, p. 1421-1430, jul. 2006.

HEILBORN, M. Luiza; AQUINO, Estela; BOZON, Michel Knauth. **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetória sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, Garamond, 2006.

Histórico do HIV/AIDS. Disponível em:  
<[http://www.adolesite.aids.gov.br/historia\\_hiv.htm](http://www.adolesite.aids.gov.br/historia_hiv.htm)>. Acesso em:

IZQUIERDO, M.J. **Bases materiais del sistema sexo/gênero**. São Paulo: SOF, 1994. Mimeografado.

KERGOAT, D. Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. In: LOPES, M. J. M; MEYER, D. E; WALDOW, V.R. (Orgs.) **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LAURENTIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, B.H. **Tendências e impasses: o feminismo como crítico da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEAL, Andréa Fachel; KNAUTH, Daniela Riva. **A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivo-sexuais**, Rio de Janeiro, 2006. (internet ver como fica)

PAIS, José Machado . Percursos para a vida adulta num contexto de mudança social: o caso ilustrativo de Portugal. **Estudos de Juventude**, n. 8, Lisboa, 2004.

PAIVA, Vera (org.). **Em tempos de Aids**. São Paulo: Summus, 1992. 214 p.

PAMPOLS, Feixa Carles. A construção histórica da juventude. In: CACCIA-BAVA, A., \_\_\_\_\_, , CANGAS, Yanko González (org.). **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escritos, 2004.

PARKER, Richard et al. **A Aids no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. RELUME-DUMARÁ, 1994.

TUCKER, Patrícia; MONEY John, **Os papéis sexuais**. São Paulo: Brasiliense, 1981 .

## APÊNDICES

### Apêndice 01 - Roteiro: Identificando perfil

1. Qual o seu nome e idade?
2. A quanto tempo mora na comunidade?
3. Quantos familiares moram com você?
4. O que costuma fazer quando está na comunidade?
5. Quando conversa com seus amigos, geralmente o que falam?
6. Você estuda? Qual o seu grau de escolaridade?
7. Você trabalha? Com quê?
8. Qual a renda familiar?



## Apêndice 02 - Roteiro de Entrevistas

1. Tem namorada ou fica?
2. O que é namorar e o que é ficar?
3. Já teve experiência sexual?
4. O que você entende por educação sexual?
5. Você dialoga sobre sexo em casa? Onde
6. Aprendeu o que sabe sobre sexo?
7. Com quantos anos teve sua primeira experiência sexual?
8. Tem vida sexual ativa? Com que frequência
9. Mantém relações sexuais?
10. Como escolhem suas parceira
11. O que sabe sobre Aids?
12. Como você se previne?
13. Costuma usar preservativo? Onde consegue?
14. Você já se expôs a uma situação de risco? Como foi?

## **Apêndice 03 - Roteiro das Entrevistas**

### **Vivencia sexual:**

1. Através de quem ou como você teve as primeiras informações sobre sexo?
2. Pode falar um pouco sobre sua primeira experiência sexual? Que idade tinha? Usou preservativo?
3. Qual o sexo do/a parceiro/a?
4. Idade da parceira?
5. Era como vc esperava?
6. Qual foi o seu sentimento?
7. Teve consciência da prevenção?
8. Em seu grupo de amigos, como tratam ou percebem o jovem virgem? Existe algum tipo de discriminação?
9. Vc se masturba? O que acha da masturbação?
10. Já teve ou tem algum relacionamento duradouro que rolasse sexo? Durante essa relação você transou com outras pessoas?
11. Já praticou sexo com mais de uma pessoa?
12. Diante do impulso sexual para vc é possível ter consciência da prevenção?

### **Adoção do preservativo:**

1. O que acha do uso da camisinha?
2. Quem costuma levar o preservativo você ou o/a parceiro/a?
3. Lembra quantas relações sexuais teve em sua vida? Em quantas se preveniu?

### **Conhecimentos sobre Aids:**

1. O que sabe sobre Aids?
2. Como obtém informações sobre prevenção Aids?

**Participação em Projetos Sociais:**

1. Participar das ações desenvolvidas pela Az na comunidade trouxe alguma contribuição para a sua vida?
2. O que acha dos que si m ou não participam?
3. Como vê as ações da Az dentro da comunidade?

#### Apêndice 04 É Roteiro das Entrevistas:

1. Quem te passou as primeiras informações sobre sexo?
2. Você já teve a sua primeira experiência sexual? Pode falar um pouco sobre, como aconteceu?
3. Sua família lhe orientou, deu algum tipo de informação? Participou da sua formação sexual?
4. Foi como você esperava?
5. Que idade você tinha?
6. Usou preservativo?
7. Hoje você está com quantos anos?
8. Qual era o sexo do/a parceiro/a?
9. Que idade ela tinha?
10. Usou preservativo?
11. Existe algum tipo de discriminação com relação a virgindade? Como são vistos e tratados os homens jovens virgens entre os outros jovens principalmente na roda entre amigos?
12. Vocês se masturbam? O que vocês acham da masturbação?
13. Você já teve algum relacionamento duradouro que rolasse sexo e durante essa relação você transou com outra pessoa?
14. Você já praticou sexo em grupo, ou seja com mais de uma pessoa?
15. Diante do impulso sexual é possível garantir a consciência da prevenção, há condição do controle, o que você acha?
16. O que você acha do uso da camisinha?
17. Nas oportunidades que você teve de fazer sexo e se prevenir, quem levou a camisinha você ou a parceira?
18. Com relação a quantidade, você lembra quantas relações sexuais você teve oportunidade de praticar? E se preveniu?
19. Ter acesso a informação você acha que é garantia de prevenção?
20. Você tem informação sobre Aids?
21. Como você teve acesso a essas informações?
22. Participar dos projetos desenvolvidos pela Amazona aqui na comunidade Casa Branca, trouxe alguma informação sobre prevenção as DST/HIV/Aids, contribuiu de alguma forma para o exercício das práticas sexuais?

23. Há jovens dentro da comunidade que não participam das ações desenvolvidas pela Amazona? O que você pensa desses jovens?
24. Com relação às ações desenvolvidas pela Amazona na comunidade, chega a criar algum tipo de divisão entre os jovens que participam e os que não participam dessas ações?
25. Você acha que essas diferenças de concepções por ter acesso a informação gera um distanciamento entre vocês dos dois grupos?
26. Como você percebe as ações desenvolvidas pela Amazona dentro da comunidade e o que representa para você participar dessas ações?
27. Bayeux é o terceiro município da Paraíba em número de casos de Aids segundo dados da Coordenação Municipal de DST/HIV/Aids, você acha que a comunidade Casa Branca segue a mesma tendência do município?
28. O que falavam sobre sexo, para você (pai, mãe, irmãos, amigos, leituras, escolas, Amazona, igreja)?
29. O que você acha sobre o que dizem sobre sexo (pai, mãe, irmãos, amigos, leituras, escolas, Amazona, igreja)?
30. Antes das primeiras transas o que fazia o que se permitia nas relações?
31. Você quando teve a sua primeira relação sexual você contou para alguém? A quem?
32. O que você acha sobre contar coisas da sua intimidade para alguém?
33. Você lembra o local onde aconteceu sua primeira relação sexual?
34. Atualmente você namora ou fica?

## QUADRO DOS JOVENS INSERIDOS NA PESQUISA:

Número de ordem	Nome	Participa das ações da Amazona	Idade	A quanto tempo mora na comunidade?	Há q uantos familiares moram com você?	Estuda? Qual sua escolaridade?	Trabalha? Com quê?	Qual a renda familiar?
01	Tobias	Sim	21	05	06	Sim, estou cursando o 1º ano do ensino médio.	Sim, sou um voluntário remunerado, presto um serviço comunitário a Associação Comunitária local.	R\$ 545,00
02	Francisco	Sim	20	20	06	Está fazendo supletivo	Não	R\$ 300,00
03	Francinaldo	Sim	20	20	Meus pais, 04 irmãos, 02 sobrinhos, a mulher do meu irmão.	Sim, 3º ano médio.	Não trabalha mais faz serviço comunitário na Rádio da Comunidade e com isso ganha uma ajuda de custo para seu sustento	R\$ 600,00
04	Rosário	Sim	17	17	Meus pais, meu sobrinhos minha avó.	Sim, cursa o 2º grau.	Ficou desempregado agora a pouco, mais antes trabalhava em uma fabrica de açúcar e com ar condicionado.	R\$ 500,00
05	Nonato	Sim	23	23	05	Sim, estuda a 5ª e 6ª, faço supletivo para terminar ensino médio.	Não, estuda e é voluntário para solucionar os problemas da comunidade e na rádio é comentarista.	Vive com a aposentadori a da mãe de R\$ 350,00
06	Ariano	Não	16	15	Pai, mãe e 2 irmãs	Não, 5ª série	Sim, ajudante de padeiro.	R\$ 1.040,00
07	Ranieli	Não	16	02	Pai, mãe e	Sim, 5ª série	não	R\$ 360,00

					irmão			
08	Estevão	Não	15	15	05 pessoas	Sim, 7ª série	Sim biscate.	R\$ 860,00
09	Ramiro	Não	20	04	03 pessoas	Não, 8ª série	Sim, descarregar cargas.	R\$ 840,00
10	Benigno	Não	17	16	05 pessoas, mãe, 2 irmãos e irmã	Sim 8ª série	Não	R\$ 380,00
11	Radamés	não	17	08	Mãe, irmão e irmã	Sim, 3º ano nível médio	Não	R\$ 380,00
12	Petrucio	não	15	15, mudou da comunidad e no momento em que a pesquisa estava sendo construída	Pai, mãe, irmão	Sim,	não	R\$ 380,00